

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Nos corpos, os sentimentos. Um estudo sobre as possibilidades empíricas da abordagem de Durkheim.

Maria Inês Rauter Mancuso.

Cita:

Maria Inês Rauter Mancuso (2009). *Nos corpos, os sentimentos. Um estudo sobre as possibilidades empíricas da abordagem de Durkheim. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2092>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Nos corpos, os sentimentos

Um estudo sobre as possibilidades empíricas da abordagem de Durkheim

Maria Inês Rauter Mancuso

A proposta para este estudo é refletir sobre as possibilidades que a obra de Durkheim traz para se pensar na relação indivíduo e sociedade e, nessa relação, sobre a construção social dos sentimentos e sua relação com o corpo. Em *O suicídio*, depois de verificar os estados das várias ordens sociais, em termos das quais a ocorrência do suicídio varia, retorna-se ao indivíduo e se estuda como essas causas gerais se tornam individualizadas produzindo o suicídio. Nesse percurso, *O Suicídio* torna-se um trabalho de rara beleza sobre o sofrimento e, por este motivo, pode ser lido, às avessas, como uma discussão sobre a felicidade, ou de como esta depende, como o sofrimento, do ponto em que nos encontramos no cruzamento de correntes egoístas, altruístas e anômicas. Ao se pensar como na trama coletiva da existência surge a individuação, em *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim afirma que o corpo é o fator de individuação. Assim, portanto, justapondo-se as obras, corpo e sentimentos se entrecruzam. Essas reflexões, e sua utilidade para a pesquisa aconteceram ao se estudar, em 1997, em cidades na região central do Estado de São Paulo/ Brasil, como a cidade é representada na memória de velhos moradores. Nas narrativas evidencia-se, além das emoções pelas perdas em um corpo que se fragiliza, que as cidades, elas mesmas, se individualizam pelas sensações que produziram nesses mesmos corpos.

O conceito de fato social desenvolvido por Durkheim, como objeto da Sociologia, é constituído de duas dimensões básicas. *Fato*, particípio passado do verbo *fare*, fazer (*faire*, em francês, com *fait* como particípio passado), leva a que se discutam, de um lado, algo que foi feito (produzido) e, de outro, pelo qualificativo *social*, o processo de fazer (produzir). Encontrar o *como* é a tarefa que se impõe quando se pretende explicar o fato social. Se fato social é o objeto da Sociologia, são seus objetos, de um lado, o resultado de um processo e, de outro, o próprio processo. Os fatos sociais são produzidos nas relações sociais. Assim são os homens/ mulheres em relação que criam as categorias, representações essencialmente coletivas que traduzem estados da coletividade e dependem de como esta é organizada e constituída. São os homens em relação — o meio propriamente humano, constitutivo do meio social interno — que constituem o fator ativo a determinar as transformações sociais e que produzirão as categorias, as representações, maneiras de ser, pensar e sentir. Em *O Suicídio*, Durkheim se dedica, de maneira exemplar, à produção de correntes sociais, tipo de fato social que diferentemente de outro tipo, se apreende pelas estatísticas, a partir da regularidade e variabilidade. Neste estudo, as relações sociais nomeadas de solidariedade mecânica e solidariedade orgânica são ditas altruístas, egoístas e anômicas, conferindo forma renovada de se pensar nas relações entre indivíduo e sociedade, preocupação nos estudos de Durkheim:

Não negamos [...] a importância do fator individual: isso se explica, do nosso ponto de vista, tão facilmente quanto o fator contrário. Se o elemento essencial da personalidade é o que existe de social em nós, por outro lado, só pode haver vida social se indivíduos distintos estiverem associados. E ela será tanto mais rica quanto mais numerosos e diferentes forem uns dos outros. O fator social é pois condição do fator impessoal. A recíproca não é menos verdadeira, pois a própria sociedade é uma fonte importante de diferenciações individuais (Durkheim, 1989, p.333).

Nas relações egoístas, o vínculo que prende homens e mulheres à sociedade se distende, e produz excesso de individualismo; nas altruístas, se está por demais integrado à sociedade e nega-se a condição individual; nas anômicas também está afrouxada a relação com a sociedade, mas de maneira distinta da egoísta: naquela está desregrada a atividade humana, deixando sem freio as paixões individuais.

Os trabalhos de Elias, na Inglaterra, e de António Cândido e de Maria Isaura Pereira de Queiroz no Brasil são exemplares do ponto de vista de tratar em especial a anomia (e o seu avesso, a coesão alta, o altruísmo) enquanto relações sociais. Todos os trabalhos foram realizados na década de 60 do século XX.

Elias se dedica ao estudo das relações entre três bairros em uma cidadezinha industrial da Inglaterra. Suas perguntas se dirigem ao processo pelo qual um grupo constrói e mantém entre seus membros a crença de que são melhores do que os outros e que os outros se sintam inferiores, carentes de virtudes. Busca, então, para responder a essas perguntas, uma sociodinâmica da estigmatização – que pressupõe relações entre um grupo altamente coeso e outro, fracamente, caracterizado como anômico – parte constitutiva de uma teoria da figuração.

Antônio Cândido se dedica a discutir as relações entre um bairro rural, agrupamento caracterizado por relações comunitárias e por um sentimento de pertença entre seus membros, e o seu meio social em franco processo de desenvolvimento capitalista. Parte do princípio de que os seres humanos precisam de uma organização para a obtenção do necessário à sobrevivência, e constrói os conceitos de mínimos vitais e mínimos sociais, abaixo dos quais se viveriam a fome e a anomia.

Maria Isaura P. de Queiroz trabalha com a relação entre bairros rurais e a cidade, demonstrando que é a partir dessa relação que se pode entender as transformações no bairro. O caso dos bairros rurais do Sertão de Itapeceira, próximo à capital do estado de São Paulo, região que apresentou elevado grau de desenvolvimento industrial durante e após a segunda guerra mundial, demonstra como um bairro rural pode desaparecer: pela anomia ou pela subordinação total à cidade. No primeiro caso, “o resultado da decadência pode ser o ingresso do sitiante em um outro regime de trabalho e de reunião (num trabalho cuja organização lhe escapa, como é o caso do assalariado que trabalha em sítio de fim de semana) ou um isolamento e uma miséria cada vez maiores das famílias que não são mais solicitadas por nenhum interesse à participação nas atividades coletivas (é o caso dos carvoeiros no meio da floresta).” (1967, p. 168)

O trabalho de Durkheim sobre o suicídio é uma peça de rara beleza sobre o sofrimento. Ele pode ser lido, às avessas, como uma discussão sobre a felicidade, ou de como esta depende, como o sofrimento, do ponto em que nos encontramos no cruzamento de correntes egoístas, altruístas e anômicas. Isto é, de como ela depende das relações sociais. As forças sociais ou correntes de opinião que dariam diferentes formas a essa relação, chamadas por Durkheim de egoísmo, altruísmo e anomia, estariam presentes em toda sociedade.

Não há ideal moral que não alie, em proporções que variam consoante as sociedades, o egoísmo, o altruísmo e uma certa anomia. Porque a vida social pressupõe simultaneamente que o indivíduo tenha uma certa personalidade de que estará pronto a abdicar se a comunidade assim o exigir e que seja de certa forma receptivo às idéias de progresso [...] Quando essas três correntes se compensam mutuamente, o agente moral encontra-se num

estado de equilíbrio que o preserva de qualquer idéia de suicídio. Mas, se uma delas ultrapassar um certo grau de intensidade em prejuízo das outras, tornar-se-á, ao individualizar-se e pelas razões expostas, suicidogêneas.” (1973, p. 378)

O equilíbrio precário entre elas pode ser rompido: a hegemonia do egoísmo produziria a tendência para a melancolia langorosa, para o desgosto de uma existência que parece sem sentido (posto que o homem, em sendo um duplo, só pode se realizar e encontrar sentido na sociedade); a do altruísmo, o renunciamento ativo, o desprezo pela própria existência ou pela existência do outro, o pouco caso pela dor humana inclusive pela própria; a da anomia, a lassidão exasperada que se pode voltar contra si mesmo ou contra o outro produzindo crimes de sangue.

Nas relações mais individualistas, o ser humano duvida. Na medida em que se sente menos solidário do grupo a que pertence, torna-se um mistério para si próprio, “não conseguindo assim escapar à irritante e angustiante pergunta: para quê?” (1973, p. 238) Pelas palavras de Durkheim,

Só a sociedade é capaz de elaborar um juízo global sobre o que vale a vida humana [...] a sociedade pode generalizar, sem sofisma, o sentimento que tem acerca dela própria, do seu estado de saúde ou de doença [...] o seu sofrimento torna-se necessariamente o sofrimento destes. [...] Assim se constituem correntes de depressão e de desilusão que não emanam de nenhum indivíduo em particular mas que exprimem o estado de desagregação em que se encontra a sociedade. Traduzem o relaxamento dos laços sociais, uma espécie de astenia coletiva, de mal-estar social tal como a tristeza individual crônica traduz á sua maneira o mau estado orgânico do indivíduo (1973, p.240)

Quando se dedica ao suicídio egoísta, pergunta-se: “não provirão estes suicídios simplesmente pelo fato do homem achar a vida triste?” (1973, p.253). Responde: é claro que quando alguém se suicida” não revela grande interesse pela existência da qual faz um idéia mais ou menos melancólica. Mas todos os suicídios se assemelham neste aspecto.” Pondera, porém, recuperando a distinção entre o egoísta e o altruísta, especificamente o religioso:

Seria no entanto um grave erro não estabelecer nenhuma distinção entre eles; porque esta idéia nem sempre tem a mesma causa e, por conseguinte, apesar das aparências, não é a mesma nos diferentes casos. Enquanto o egoísta é um triste porque não vê nada de real no mundo, além do indivíduo, a tristeza do altruísta descomedido provém, pelo contrário, do fato do indivíduo lhe parecer desprovido de qualquer realidade. [...] Assim, vamos encontrar nos efeitos a diferença das causas e a melancolia dum é de uma natureza muito diferente da melancolia do outro. A do primeiro, constituída por um sentimento de fastio incurável e de

melancólico abatimento, exprime um desmoronamento completo da atividade que, não podendo ser empregada utilmente, desaba sobre si mesmo. A do segundo pelo contrário, é feita de esperança. (p.254)

Na anomia, “a nossa sensibilidade é um abismo sem fim que nada pode saciar.”(p.284).

Nessa situação:

Por todo o lado, nascem cobiças embora sem um móvil preciso. Nada faria com que se acalmassem, dado que o objetivo que tendem está muito mais para além de tudo aquilo que podem atingir. A realidade parece não ter valor ao lado daquilo que enxergam as imaginações febris e que consideram possível atingir[...] Está-se ansioso por coisas novas, por prazeres ignorados, por sensações desconhecidas, mas que perdem todo o sabor quando se tornam conhecidas. Por conseguinte, a mínima contrariedade deixa-nos sem força para a suportar. Uma vez passada a febre, apercebemo-nos de quanto esta agitação era estéril e que todas essas novas sensações, indefinidamente acumuladas, não conseguiram constituir um sólido capital de felicidade que nos ajudasse a viver durante os dias difíceis.[...] o homem que viveu sempre de olhos postos (no futuro), não encontra nada no passado que o console dos sofrimentos do tempo presente; porque o passado não foi para ele senão uma série de etapas percorridas impacientemente. [...] Mas eis que tem que parar; a partir desse instante, já não tem nada, nem atrás, nem na frente, em que repouse o olhar. Aliás, a fadiga basta, por si só, para provocar a desilusão, porque, ao fim e ao cabo, é difícil não deixar de sentir a inutilidade de uma procura sem fim. (p.296)

Assim, na explicação de um fato social, realizam-se as lições sobre como explicar: associa-se um fato social que se quer estudar (o suicídio) a outros fatos sociais (as emoções, os sentimentos) que também possuem a força de diferenciar, de individualizar o primeiro, dado que ocorre no corpo. Depois, associam-se os dois tipos de fatos ao meio social (as relações sociais) do qual os dois se originam.

Em *As formas elementares da vida religiosa*, ao discutir a noção de alma, a forma popular da idéia de personalidade, e, por esse caminho, discutir a noção de pessoa, afirma que essa é o produto de dois fatores. Um, essencialmente impessoal, faz parte do patrimônio coletivo (a sociedade em nós). É preciso, porém, que haja um fator de individualização, que fragmente esse princípio e que o diferencie, criando assim personalidades distintas. Continua:

É o corpo que desempenha esse papel. Como os corpos são distintos uns dos outros, como ocupam pontos diferentes no tempo e no espaço, cada um deles constitui um meio especial onde as representações coletivas vêm se retratar e se colorir diferentemente. Resulta daí que, se todas as consciências engajadas nesses corpos estão voltadas para o mesmo mundo, isto é, o mundo de idéias e sentimentos que constituem a unidade moral do grupo, nem todas o vêem pelo mesmo ângulo; cada uma o exprime à sua maneira. (1989, p.331)

Os pontos diferentes no tempo e no espaço são definidos socialmente, e tais definições qualificam e dão conteúdo aos corpos, a tudo que entra pelos sentidos: cheiros, sons, imagens. Os corpos, assim, qualificam-se socialmente, na medida em que as sensações não são meramente físicas mas são carregadas de significados sociais, e na medida em que os pontos diferentes no tempo e no espaço por eles ocupados são definidos socialmente.

Justapondo um e outro texto, é no corpo se entrecruzam correntes egoístas, altruístas e anômicos. É nele que se instalam o sofrimento, o prazer e a dor. É a ele que se renuncia quando se quer libertar dessa dor e desse sofrimento. É nele que apreciamos cotidianamente o passar do tempo; é ele que traz para cada um de nós o sentimento de nossa própria finitude. Elias afirma que a dificuldade em enfrentar a morte, de incorporar o sentimento de finitude à vida, pode determinar a solidão dos moribundos e dos velhos que carregam em seu corpo a expressão visível dessa proximidade com a morte (1989).

Para Mauss (1974), “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. O (...) primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo.” (p.217) Essa percepção do corpo justifica o estudo sobre as técnicas corporais: “maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional sabem servir-se de seus corpos” (p.211). Técnica é “um ato tradicional eficaz (...) Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso que o homem se distingue sobretudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral” (p.217). Assim como os homens aprendem a usar o seu corpo — técnicas da respiração, da marcha, da maneira de se manter em pé, de reprodução, do consumo, de natação, do sono, todas técnicas provenientes da sociedade — a percepção do mundo, pelos sentidos, é um processo social e, desta forma, o homem se apropria do mundo e o seu corpo se transforma no lugar onde muitos outros lugares, relações e tempos se encontram.

Para Pollack (1992), o sentimento de ter fronteiras físicas, isto é, um corpo, e limites temporais, saber-se finito e ter uma história, é essencial na construção da identidade pessoal.

O corpo é um lugar: identitário, como afirma Pollack, e relacional. Por ele, relacionamo-nos reciprocamente. Por ele, ouvimos os sons da cidade, sentimos os seus cheiros, os seus sabores, vemos as suas ruas, os seus monumentos, as suas pessoas, e nele, por representações e procedimentos aprendidos socialmente, conferimos significado aos sons, aos cheiros, aos sabores, às imagens, às sensações táteis. E tudo isto, porque são representações, nos suscitam outras representações afetivas, intelectuais ou valorativas.

Nas entrevistas realizadas, esse mundo, essa unidade que se reconhece pelo corpo e pela memória, se identifica com a cidade. Assim, se a cidade é um lugar e um conjunto de lugares, da cidade, o lugar, por excelência, é o corpo. É a cidade que têm cheiros, sons, sabores, imagens que penetram pelo corpo e se transformam em lembranças. A combinação de cheiros, sons, sabores e imagens é única e assim caracteriza uma única cidade. Além disso, é aquela cidade, e não outra, que teve tais e tais pessoas a circular pelas suas ruas, pelos seus jardins... É aquela cidade e não outra que se identifica por relações determinadas.

O que confere identidade a uma cidade são, portanto, os esperados fatores de individuação: as sensações que penetram pelo corpo, a memória que confere significado às sensações, as lembranças que as reconstróem no presente. É aquela cidade, e não outra, que é constituída por aquelas sensações, por aquelas pessoas, por aqueles lugares, por aqueles encontros. A cidade é extensão do indivíduo. Um e outro são tecidos, pode-se dizer, pelas mesmas representações. Todas as cidades pelas quais os entrevistados circularam tiveram o seu footing, mas é possível descrever o footing de cada uma delas como único, porque as pessoas que se encontravam e as sensações que se produziam naquele footing não eram as mesmas de um outro footing. Ia-se às ruas para se encontrar e para ver determinadas pessoas e isso conferia significado àquele footing e não a outro. Esses significados, que assim eram atribuídos aos lugares constituintes da cidade, conferiam-lhe singularidade.

Na pesquisa referida que deu origem a este estudo, como se afirmou buscou-se o significado da cidade pela memória de velhos moradores, todos nascidos na primeira metade do século XX, trazendo na memória os seus velhos pais que vinham do século XIX. Eram corpos envelhecidos, trazendo já a lembrança da morte ainda não vivida, que determinava a seleção e a atualização do que se lembrava. Todos eles, porém, haviam constituído nas suas vidas, um sólido capital de felicidade que os ajudava a viver os dias difíceis.

Referências bibliográficas

- CANDIDO, Antonio (1971). *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Duas Cidades.
- DURKHEIM, Émile (1989). *As formas elementares da vida religiosa (o sistema totêmico na Austrália)*. São Paulo, Paulinas.
- ____ (1973). *O suicídio. Estudo sociológico*. Portugal/Brasil, Editorial Presença/ Martins Fontes.
- ____ (1991). *A divisão do trabalho social*. Lisboa. Presença.
- ELIAS, Norbert (1989). *La soledad de los moribundos*, Mexico,. Fondo de Cultura Económica
- _____(2000). *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio. Zahar.
- MAUSS, Marcel (1974). *As técnicas corporais*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EDUSP, 1974, vol. II
- POLLACK, Michel (1989). *Memória, esquecimento, silêncio*. In: *Estudos históricos*, Rio, APDOC, vol.2, n.3.
- ____ (1992). *Memória e identidade social*. In: *Estudos históricos*. Rio, APDOC, vol. 5. n.10
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira (1967). *Bairros rurais paulistas. Estudo sociológico*. In: *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, vol. XVII, pp. 63-209.